



PASSOS PERDIDOS

Paulo Varela Gomes

passos  
perdidos

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVI

# índice

<i>Nota do autor</i>	II
I. Uma Ilha ao Longe	15
II. Passos Perdidos	123
III. Viagem	243
<i>Uma história no deserto</i>	342
IV. Uma Ilha ao Longe (Recomeço)	371
<i>Nota biográfica</i>	389

© 2016, Paulo Varela Gomes  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Passos Perdidos*  
Autor: Paulo Varela Gomes  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2016

ISBN 978-989-671-297-6  
Depósito Legal n.º 403549/16

*Agradeço à Vieira  
no princípio, agora e sempre.*

*Este livro foi escrito quando o autor  
ainda não era cristão.  
Marana Tha.*

## NOTA DO AUTOR

Aqui e ali, ao longo do livro, surgem excertos de texto impressos entre parêntesis rectos. Constituem lugares incompletos, atrasados, nada a fazer com eles. A certa altura, o autor ficou doente demais e os *Passos Perdidos* detiveram-se enfim.

2014 – OUTUBRO DE 2015

I

UMA ILHA AO LONGE



O autor deu à personagem principal deste livro o nome de Anna W.

Anna W. está encostada à amurada de estibordo do convés do navio St. Helena, do Royal Mail, uma embarcação de médio porte que faz carreira regular entre a Cidade do Cabo, na África do Sul, e as ilhas de Ascensão e Santa Helena, possessões britânicas situadas no meio do Atlântico à latitude de Angola. O sol cai para poente mas vê-se no horizonte o perfil sombrio de Santa Helena. Tal como Anna W., vários passageiros estão ali em silêncio a olhar para a ilha aonde chegarão dentro de algumas horas. A maioria, porém, está ocupada a transportar malas e sacos para o convés do navio. São habitantes de Santa Helena, que se conhecem uns aos outros por «santos». Vão regularmente à África do Sul para fazer compras, visitar familiares, e ainda para partirem e regressarem de Inglaterra. Já aportaram em Santa Helena muitas vezes. Ou até vezes demais, dizem alguns, não escondendo o seu desencanto com a ilha e a vontade de não mais lá voltar.

Anna W. é francesa e funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Foi nomeada directora dos Domínios Nacionais franceses em Santa Helena, um cargo de nome pomposo que se aplica às pequenas casas onde o imperador Napoleão, depois de ter sido deposto e aprisionado pelos ingleses,

residiu entre 1815 e o seu falecimento, em 1821. Essas casas são conhecidas como «Longwood» e «The Briars». Napoleão faleceu em Longwood e foi enterrado perto desta casa, num lugar que também pertence à França, mas onde já não repousa, para utilizar o verbo consagrado permanentemente a restos mortais e temporariamente a pessoas vivas. O corpo foi transferido em 1840 por Thiers, ministro do Interior do rei Luís Filipe, para a grande Igreja dos Invalides, em Paris.

Anna W. não sabe por quanto tempo ficará em Santa Helena. A sua missão é quase rotineira porque as casas napoleónicas foram restauradas recentemente e não parece haver necessidade de mais obras, uma preocupação que ocupara longamente os seus antecessores no posto e deixara atrás de si estantes inteiras cheias de orçamentos, reclamações, relatórios e fotografias. Anna W. sente que será apenas e antes de mais uma guia turística ao serviço das cerca de oito mil pessoas que visitam todos os anos os lugares napoleónicos, um número extravagante se tivermos em conta que Santa Helena não tem aeroporto, é preciso ir de avião da Europa para a África do Sul e viajar por mar durante três dias a partir da Cidade do Cabo. Além de estar encarregada de duas casas e de um lugar de sepultura vazio, Anna W. é também, por inerência do cargo, consulesa honorária da França.

No Quai d'Orsay, o funcionário que tratou da sua nomeação ficou surpreendido com o contraste entre o desinteresse burocrático com que o processo que tinha entre mãos descrevia a missão da consulesa e a elegância descontraída de Anna W., silenciosa e atenta. Os papéis informavam que tinha quarenta e seis anos de idade, era solteira e sem filhos. Sem saber por onde encaminhar a conversa, perguntando a Anna W., por exemplo, porque é que alguém escolhe um posto que antigamente seria

destinado a funcionários caídos em desgraça e, hoje em dia, a pessoas obcecadas com a figura de Napoleão, optou por não fazer perguntas a que o dossiê não desse já a resposta e, pensando estar em terreno seguro, comentou que Anna W. devia saber imenso sobre Napoleão. A resposta, suave, foi: «Não, não sei quase nada sobre esse assunto.» O funcionário murmurou, enquanto assinava os papéis com irritação, que com certeza aprenderia depressa. À saída do gabinete, Anna W. deteve-se, ele levantou os olhos da secretária e ela acrescentou que gostava muito de ilhas, acompanhando a informação com um sorriso que ele achou demasiado sincero para a tradição do Quai d'Orsay.

O autor imagina Anna W. com a aparência, a voz e as maneiras da actriz sueca Alicia Vikander, mas os leitores terão de acrescentar duas décadas às imagens que encontrarem dela, porque Alicia Vikander nasceu em 1988, tendo portanto vinte e seis anos quando se escrevem estas linhas.

Todavia, encontraremos também Anna W. noutras paragens e noutros tempos desta narrativa. Terá primeiro dezasseis anos, depois vinte, a seguir trinta e três, finalmente quarenta e cinco anos, e também nestes casos as imagens de Alicia Vikander deverão ser recompostas na imaginação da leitora, tal como o são na do autor. Estes saltos temporais não farão grande diferença, porque o autor acredita que a actriz se inclui no género de pessoas que parecem ter assinado um pacto de não-agressão com o tempo: aparentam ter sido sempre mais velhas do que realmente são, e mais novas quando finalmente chegam a velhas. Estas pessoas têm rostos fortes, não exactamente feios ou bonitos, marcados por uma indiferença à mudança que é quase geológica. De certo ponto de vista, são rostos de camponês, originados por vidas antigas e transmitidos de geração em

geração até aos nossos tempos. Percebe-se que os antepassados de pessoas com as características faciais de Alicia Vikander sofreram muito frio, trabalharam dobrados pelo suor em breves verões, sentaram-se de pele crestada e olhos semicerrados frente ao conforto da lareira que os aqueceu durante o grande Inverno nórdico. Nem o riso, nem as lágrimas alteram nestes rostos uma imobilidade óssea e interior que segura e dispõe as pregas da pele com firmeza e inflexibilidade. Alicia Vikander e Anna W. tinham um rosto sem idade já em adolescentes.

Em *Pure*, um filme de 2011 com que ganhou o prémio sueco de melhor actriz, Alicia Vikander tanto poderia ter quinze anos como vinte e cinco. O seu corpo é forte, tenso, assertivo, o pescoço de uma elegância de pássaro, os olhos neutros ou duros, qualquer sorriso parece formular-se contra a vontade dos lábios. Apesar disso, é a inocência, ou uma quase intocabilidade, que torna singular o rosto da actriz. Não há surpresa, susto, brutalidade ou carícia que pareçam capazes de alterar o seu sossego. Separa-nos de Alicia Vikander uma estranha distância, uma familiaridade impessoal. Perguntamo-nos se ela se pode comparar a uma corda de arco já distendida ou se, pelo contrário, está tensa, pronta a zunir de energia.

Quando vê cenas deste filme, o autor dá-se conta de mais uma subtil variedade expressiva no corpo e no rosto de Alicia Vikander, sem que nunca os gestos ou expressões faciais da actriz suavizem uma contenção vinda de dentro, inflexível como uma armadura.

No filme *A Royal Affair*, de 2012, reforça-se tudo aquilo que parece separar-nos da actriz, os traços físicos e os gestos. Ao formalizá-la no papel da rainha inglesa Carolina Matilde, que casou com o rei da Dinamarca Cristiano VII, e, portanto, ao introduzi-la na geometria solene ou elegante da vida de

corte do século XVIII, envolvendo-lhe o corpo nas vestes e nos penteados femininos dessa época, o filme, incapaz de lidar com alguém que precisaria de um papel activo e voluntarioso, um papel onde conseguíssemos ver a paixão de que o filme quer falar, cede perante o formalismo cortesão e dilui Alicia Vikander no cerimonial próprio das rainhas. Talvez seja por isso que imaginamos, no fundo dos olhos pretos da actriz, uma ameaça latente tão rígida e formal como um vestido antigo, tão amarga como um amor de salão.

Sucede coisa parecida em *Anna Karenina*, um filme também estreado em 2012. Como se estivéssemos perante um destino alheio a qualquer subtilidade, Alicia Vikander foi escolhida para desempenhar o papel que a fatalidade teimosa da forma da sua face e do brilho escuro do seu olhar determinaram para ela: o papel de Vicky, talvez a personagem mais neutra do romance de Tolstoi, mais maneável, a personificação da inocência e do bem, em contraste com a força trágica de Anna Karenina. O realizador, que não percebeu ou não quis perceber a polaridade e o drama do romance, destituiu Alicia Vikander de qualquer possibilidade ofensiva, fez dela uma boneca perdedora e gentil.

O autor sente por vezes alguma exasperação ao observar mulheres como Alicia Vikander, impenetráveis, misteriosas, talvez desinteressantes. Mas imaginou Anna W. assim. É como se não houvesse ali a vida que nós conhecemos e que suscita tanto alarido. Não compreendemos o que se passa atrás dos olhos destas mulheres, e isso inquieta-nos. Também é verdade, todavia, que temos conhecimentos limitados. Desconhecemos quase tudo da vida da actriz e da pessoa Alicia Vikander e tão-pouco conheceremos Anna W. a não ser através do autor, que, todavia, insistirá em nunca a desvelar por completo, talvez por

incapacidade, dizendo por enquanto e somente: reparem, tem o rosto e o corpo de Alicia Vikander.

Muito do essencial sobre Anna W. ficará portanto por esclarecer, mas é desnecessário recluir que a personagem apareça como incompleta, basta apenas que se admita a verosimilhança maior que reside na falta de transparência das pessoas e das personagens relativamente àquelas que parecem estar completamente ao alcance da nossa compreensão e não passam de miragens, ilusões, bonecos ideológicos.

A partir de agora, representada que está em imagem e som por Alicia Vikander, podemos começar a ver na nossa mente as imagens mais ou menos correspondentes às descrições com que o autor quer mostrar Anna W.

No momento em que o autor a apresenta encostada à amurada do RMS St. Helena, Anna W. sabe sobre a ilha de Santa Helena mais do que aquilo que é o conhecimento comum e que podemos resumir assim: fica longe de tudo e foi o último lugar de exílio de Napoleão Bonaparte. Ao escolher o posto, tão afastado no espaço quanto alheio às suas qualificações e currículo, Anna W. informa-se mais pormenorizadamente, mas aquilo que fica a saber, além de pouco, não é nada entusiasmante. Santa Helena é o sítio mais distante de todos os outros sítios onde há seres humanos no planeta, uma ideia com a qual concordam muitos autores — nem todos românticos! Anna W. aceita o posto se não com entusiasmo, pelo menos sem hesitação ou arrependimento. Mas, como não sabe quase nada de Santa Helena, é-lhe impossível relacionar aquilo que vai sentindo com os sentimentos de todos os viajantes que a antecederam e deixaram disso registo escrito.

Anna W. sabe que a ilha foi descoberta pelo navegador português João da Nova em 1502, que os portugueses a utili-

zaram durante muito tempo como ponto de aguada ou reparações na viagem da Índia, e que o primeiro habitante de Santa Helena — e, ao mesmo tempo, o primeiro Robinson Crusoe da história da expansão europeia — foi um português, Fernão Lopes, cuja história extraordinária, contada por fontes portuguesas do século XVI, daria um filme esplêndido, assim houvesse um realizador com capacidade para enfrentar o horror e a solidão de algumas vidas, os seus momentos de alívio e desespero, a maldade e a bondade dos seres humanos.

O autor vai mencionar aquilo que escreveram alguns dos viajantes que chegaram a Santa Helena pela primeira vez sem relacionar tais referências com Anna W., porque ela só mais tarde lerá esses escritos e reconhecerá que experimentou o mesmo que todos eles.

No testemunho de Emmanuel de Las Cases, chanceler e conde do Império, que decidiu acompanhar Napoleão no exílio e escreveu um laborioso *Mémorial de Sainte-Hélène*, publicado pela primeira vez, em dois volumes, em 1822 e 1823, uma espécie de autobiografia ditada por Napoleão mas acompanhada de observações de Las Cases, nesse memorial, portanto, de enorme sucesso editorial na altura, lê-se sobre a reação do ex-imperador quando a pequena armada inglesa que o transportava chegou a Santa Helena, no dia 15 de Outubro de 1815:

«O Imperador, contra os seus hábitos, vestiu-se cedo e saiu ao convés; subiu à ponte para poder observar a costa à vontade. Via-se uma espécie de aldeia encaixada entre enormes rochedos áridos e lisos que se elevavam até às nuvens. Cada plataforma, cada abertura, todas as cumeadas, estavam eriçadas de canhões. O Imperador percorreu tudo isto com o óculo; eu estava a seu lado e os meus olhos fixavam constantemente o seu rosto mas não

consegui surpreender a mais ligeira impressão. Todavia, estávamos perante o que seria doravante a sua prisão perpétua! Talvez o seu túmulo! Que me cabia a mim sentir ou testemunhar?»

Não parece que a interrogação de Las Cases seja retórica. Daquilo que sabemos sobre Napoleão, deduz-se que a descrição é fiel ao que realmente sucedeu e que, nesta como em outras ocasiões da sua vida, Napoleão, o mais afortunado e desafortunado aventureiro político da época moderna, cuja vontade e sorte fizeram tremer a história da Europa e do mundo como talvez nunca tenha sucedido ou voltado a suceder, se fechou num silêncio taciturno que o seu acompanhante julgou plenamente justificado. É muito provável que ambos tenham olhado para a ilha como aquilo que esta viria a ser: um lugar de onde nunca mais se sai.

Atente a leitora ainda em fontes de outro género: as imagens datadas do final do século XVIII ou do princípio do século XIX. Existem dezenas de gravuras e desenhos de Santa Helena vista do mar. Têm um aspecto em comum, a representação da ilha como um conjunto de falésias como que mergulhadas no oceano em diagonal, camadas e mais camadas de lajes de um tamanho sobre-humano, paralelas e inclinadas, separadas umas das outras por veios ou enclaves profundos e viradas ao céu com a expressividade agressiva de uma dentadura de crocodilo. Vejam-se as gravuras de James Wathen, um homem que visitou Santa Helena de caderno de desenhos em mão no início do século XIX e compôs o belo livro intitulado *Uma Série de Vistas Ilustrativas da Ilha de Santa Helena*, publicado em 1821. Wathen foi um dos milhares de ingleses que dedicaram a sua vida a registar o que viam por toda a parte, pessoas que sabiam muito de geografia, de história, de desenho, talvez as pessoas

mais civilizadas dos séculos XVIII e XIX. Apesar disso, os seus desenhos da paisagem de Santa Helena são do mesmo tipo de outros seus contemporâneos. O aspecto ferozmente agressivo, de lâmina, serrote ou faca, com que estes autores representaram Santa Helena demonstra que a sua visão estava muito marcada pela ideia romântica da penedia selvagem perdida no meio do mar. Era nisso que acreditavam, era isso que viam.

Um testemunho importante parece contradizer a informação de Las Cases sobre o silêncio taciturno de Napoleão. Trata-se do diário de um outro membro da corte napoleónica no exílio, o general barão Gourgaud, publicado em 1898. O general foi ordenança de Napoleão desde Waterloo até Santa Helena, e a relação que o Imperador manteve com ele é característica daquela que se gera entre senhores e servidores, oscilando frequentemente entre a falta de consideração e a dependência sentimental. Diz o seguinte a entrada do diário de Gourgaud respeitante ao dia 15 de Outubro de 1815:

«Lançámos âncora pelo meio-dia. Eu estava na cabine do Imperador quando nos aproximámos da ilha. Ele disse: 'Parece um sítio bem pouco agradável para viver. Deveria ter ficado no Egipto. Hoje seria imperador de todo o Oriente.' »

De acordo com Gourgaud, Napoleão confessara-lhe algumas semanas antes de chegarem a Santa Helena, ainda a pequena armada estava a norte do equador, que lamentava não ter ficado no Egipto. A Arábia precisa de um homem, teria ele dito. Com os árabes e o apoio dos franceses, ter-se-ia tornado senhor de todo o Oriente e da Índia.

Las Cases e outros memorialistas confirmam esta nostalgia do Egipto e o sonho de um império oriental, devaneios que se

Paulo Varela Gomes, nascido em 1952, foi professor dos ensinos secundário e superior até se reformar em 2012, autor de artigos e livros da sua área de especialidade (História da Arquitectura e da Arte), colaborador e cronista permanente de vários jornais e revistas, designadamente do *Público*, autor e apresentador de documentários de televisão. É casado, pai de dois filhos e avô de duas netas e de um neto. Encontra-se gravemente doente, com cancro.

Com a Tinta-da-china publicou os romances *O Verão de 2012* (2013), *Hotel* (2014) e *Era Uma Vez em Goa* (2015), e o livro de crónicas *Ouro e Cinza* (2014).

# passos perdidos

foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso pela Rainho & Neves, sobre  
papel Coral Book de 80 gramas,  
no mês de Janeiro de  
2016.

